

Memórias [1931]

Ferreira de Castro

«Eu nasci a 24 de Maio de 1898¹. Mas, quando penso na minha idade, sinto-me sempre mais novo, sinto-me sempre beneficiado por quatro anos a menos. São quatro anos iguais a uma noite escuríssima, onde não é possível acender luz alguma. Não os viveu o meu espírito. Não estão na minha memória. Não me pertencem. Para a minha realidade espiritual eu tenho apenas 28 anos. É em 1902 que começo a povoar o museu da minha vida, a decorar a galeria das recordações.

Foi numa tarde de sol – tarde de luz forte que eu vejo ainda – que dei início à tarefa. Eu brincava na estrada amarela que corria ao longo da casa onde nasci. A diabrura que pratiquei, desvaneceu-se no esquecimento; mas lembro-me, sim, que minha mãe, saindo do quinteiro e agarrando-me por um braço, castigou-me. Passava na estrada, enxada ao ombro, um homem alto, bigodes retorcidos festonando as faces trigueiras. Deteve-se, sorriu e disse:

– Assim é que é, senhora Mariquinhas! Nessa idade é que eles se ensinam.

Odiei aquele homem. Porquê, em vez de me proteger com a sua força, ele estimulava minha mãe a castigar-me ainda mais? Porque era ele tão mau e porque sorria vendo-me sofrer, se eu nunca lhe tinha feito mal?

É esta a minha primeira recordação. E foram de ódio e de sofrimento as primeiras sensações que a vida me deu. Eu tinha quatro anos e meio. Aos seis fui para a escola. Era de inverno. Ia de chancas, friorento, enroupadito. Creio que foi minha mãe quem me acompanhou até meio-caminho. Não me recordo bem. Mas lembro-me, nitidamente, da minha entrada na escola. Lá estava, ao fundo, à secretária instalada sobre um estrado, o sr. professor Portela². Era gordo e de carne muito branca e fofa. No primeiro plano, as carteiras com os alunos chilreantes. Alguns conhecia-os eu cá de fora. Mas tomavam, ali, para a minha timidez, o papel de inimigos.

Eu sentia um respeito enorme por tudo aquilo e estava envergonhado. Sentei-me a uma das carteiras e, não tendo coragem de levantar os olhos, fixei-os no abecedário, que crescia e se deformava constantemente. Nesses primeiros dias, a minha única distração era seguir as moscas que passeavam no sujo rebordo do tinteiro. Veio, depois, a inveja, a única que tive na minha vida: a de não ser igual aos outros, a de não possuir o seu à-vontade, a de não ter o sangue frio de que eles dispunham e graças ao qual brilhavam nas lições mais do que eu, embora soubessem muito menos. Eu era um bom aluno. Tinha, porém, uma vida triste e afastava-me quase sempre dos meus condiscípulos. Certos episódios, que os deixavam indiferentes, faziam-me sofrer o dia inteiro, sobretudo na solidão que eu buscava. Apesar disso, deixei-me fascinar por um jogo infantil e roubei em casa uma coleção de botões, que era de grande estimação e que me valeu um severo castigo, logo repetido quando comecei a vender, ocultamente, para comprar fogos de S. João, várias lunetas que estavam guardadas na nossa velha escrivania. Inventei também umas andas, que eu escondia no monte, a meio do caminho da escola e sobre as quais regressava, radiante, a minha casa. Construí, com alguns condiscípulos, uma bicicleta de madeira e desesperava-me pelos meus «papagaios» não subirem tão alto como um que eu vira na praia do Furadouro. A terra nativa parecia-me defeituosa por não ter as correntes de vento necessárias para elevar a «estrela» multicolor. Contudo, eu mentia, afirmando que já um dia um «papagaio» meu subira tão alto que eu chegara a não o distinguir no espaço. Repetia muito essa minha fantasia, mas, ao recordar-me da verdade, sentia um vácuo na alma.

Aos nove anos fiz o meu primeiro exame, ficando, de todos os examinandos, apenas eu e o filho do professor a estudar para o segundo. É que os pais dos meus condiscípulos entendiam que estes, para a vida, necessitavam apenas de «saber fazer as quatro operações e ler e escrever uma carta para o Brasil...»

Por esse tempo, passava todos os dias, no largo para onde dava a escola, uma rapariga de 17 ou 18 anos – linda, linda para mim, como eu nunca tinha visto outra. Chamava-se Margarida e embora este

¹ Filho de José Eustáquio Ferreira de Castro (03/09/1849-19/07/1906) e de Maria Rosa Soares de Castro (30/07/1871-25/12/1951).

² Alfredo Francisco Portela, único professor de Ferreira de Castro.

nome poético nunca fosse pronunciado sem um apêndice prosaico, eu gostava muito dela. E, um dia, propus a dois discípulos meus escrevermos-lhe uma carta. Assim fizemos, mas nessa epístola bizarra, que eu queria que fosse de amor, traçaram os meus amigos várias obscenidades. Assinada por nós três, seguiu a carta ao seu destino. Horas depois arrependi-me de ter pactuado com os dois discípulos. E, no dia seguinte, eu escrevia, sozinho e em segredo, a minha primeira carta sentimental. Depois desta, outra, e outra, e outra. Apesar disso, a Margarida continuava a cruzar, indiferentemente, o largo, sem volver os olhos para a janela da escola, de onde eu a seguia com sofreguidão. E se eu me fazia encontrado no caminho por onde ela passava, voltava a cara sem dirigir à minha timidez uma só palavra, um olhar sequer. Eu sofria com esse desdém e desesperava-me por ainda não ser homem. Ser homem! Até aos 20 anos foi essa uma das minhas maiores aspirações. Crescer, ter barba, para que me dessem a consideração de que eu me julgava merecedor, para que não me humilhassem com aquele estribilho: – «É criança, não sabe o que diz!» – mesmo quando eu dizia coisas muito acertadas... Ah, como os adultos entenebrecem, inconscientemente, com a sua estulta superioridade, certas infâncias delicadas!

Eu sentia dolorosamente a disparidade que havia entre a minha idade e a de Margarida, mas alentava-me a lembrança da minha iniciação sexual, que fora feita antes, numa barroca ensilvada, por uma rapariga muito mais velha do que eu. E, assim estimulado, continuava a escrever cartas arrebatadoras. Essa assídua correspondência tornou-se, porém, conhecida. Riam-se dela e eu sofria pelo vexame que esse riso constituía para mim. Um dia, como eu titubeasse na minha «Educação Cívica», livrinho que me fora sempre odioso, o sr. professor Portela abriu a gaveta da sua secretária e, tirando de lá uma das minhas epístolas à Margarida, exclamou: – «Para estudar a lição não tem tempo; mas tem-no para escrever às filhas dos outros!» – Pediu-me a mão a deu-me uma forte palmatoada.

Outro dia, um irmão de Margarida, que, apesar de mais velho, era meu amigo, levou-me para o caminho de Santo António e ali me espancou. Regressei a casa coberto de pó e ante as exclamações de minha mãe – «Valdevinos! Gastas um fato num dia, como se eu fosse rica!» – desculpei-me: – «Perdoe-me, mãezinha; fui eu que escorreguei e caí...»

Uma noite, minha mãe e eu encontramos na estrada a mãe de Margarida. Vínhamos os três numa feira e a mãe de Margarida disse, em certo momento, referindo-se a mim:

– Aqui, o meu futuro genro... Lá inteligente é ele!

Recordo-me nitidamente do contorno das pedras que margeavam a estrada no local onde essas palavras foram ditas.

Meses depois, eu e vários discípulos brincávamos no largo da escola. Atirávamos uma carapuça ao ar e, em seguida, apanhávamo-la na ponta dum vara. Era a hora do recreio e a Margarida apareceu lá em baixo, junto à capela de Santo António. Abandonei logo o folguedo para prender os meus olhos ao seu corpo. E o êxtase só se quebrou quando notei que os meus discípulos, pondo a vara em posição horizontal, lhe vedavam o caminho. Ela protestou, mas foi inútil. Se se dirigia para a esquerda, eles corriam também para lá; se ela ia para a direita, já o obstáculo lá se encontrava. Então, num impulso, caminhei para o grupo, agarrei a vara pelo meio e fiz força. Os meus amigos indignaram-se comigo, mas, na confusão, a Margarida pôde passar.

Momentos depois éramos chamados à escola. À secretária estava o sr. ajudante Almeida, carrancudo como eu nunca o tinha visto. Ao seu lado, de pé, a Margarida. Tinha-se ido queixar. Duas palmatoadas a cada um. Alguns negavam: «Eu não fiz nada; eu não fui!» – mas a Margarida, friamente, implacavelmente, afirmava:

– Foi! Foi!

Chegou a minha vez. Quis balbuciar a minha inocência, mas a emoção não mo permitiu. Estendi a mão... Margarida, porém, exclamou:

– Esse não foi!

Ah, como eu me senti nesse momento compensado de tudo quanto tinha sofrido por ela!

Por esse tempo, já a vida familiar me era dolorosa. Minha mãe, seguindo as velhas fórmulas de educação, castigava-me amiudadamente. Faltava-me liberdade para determinados gestos e o meu orgulho nascente sofria com isso. Sobretudo, no verão, quando eu ia tomar banho ao rio. Éramos sempre quatro ou cinco. Saíamos da escola no período do segundo recreio e, galgando ínvios caminhos, saltando combros e rompendo milharais, íamos mergulhar nas águas frias e azuis do Caima, entre amieiros sussurrantes.

Minha irmã espiava-me da escola feminina, que ficava ao lado da masculina, e era certo que, vendo-me descer para o rio, me denunciaria a minha mãe. Esta, quando eu regressava a casa, ocultava-se atrás da porta, de chibata na mão:

– «Seu maroto! Não lhe disse já um ror de vezes que não queria que fosse nadar? Morre e eu, depois, é que sofro!»

Este interesse maternal pela minha vida, carinhoso na essência, mas rude na forma, humilhava-me profundamente. Mais do que pela dor física, eu sofria pelo vexame que o castigo representava.

Compensações morais, tinha-as em muito pequeno número. Apenas um discurso religioso, que o sr. abade escrevera para a festa da comunhão³ e que eu decorei e pronunciei, na igreja velha, com pasmo de todos os ouvintes. Lisonjeavam-me a vaidade infantil as felicitações que, por esse motivo, eram dirigidas à minha mãe. Sentia-me assim mais valorizado para disputar a atenção de Margarida. Era o primeiro aluno e, meses depois, numa festa escolar⁴ que houve no teatro da vila⁵, ficou resolvido que fosse eu quem falasse em nome dos meus condiscípulos. Estávamos em Maio; anunciava-se o aparecimento do cometa Halley e, com ele, o fim do mundo. O sr. padre Carmo entregou-me, para que eu a decorasse, uma longa poesia de Faustino Xavier de Novais sobre um outro cometa que tinha aterrorizado as gentes no século XIX. Eu via, nesse tempo, a vila e a sua população com o mesmo respeito com que a vê Manuel da Bouça, nos «Emigrantes». A vila – um centro maravilhoso; os habitantes – uns super homens. Apesar desse auditório me exaltar os nervos, saí-me bem do recital e foi-me dado, como prémio, um livro de Eduardo de Noronha. Intitulava-se do «Algarve ao Minho em automóvel!» mas, para mim, possuía apenas o significado, jamais atingido, duma ponte de passagem para o coração de Margarida.

Eu ia fazer, nesse tempo, o meu segundo exame. Era necessário, porém, que o professor mandasse, até 1 de Julho, o requerimento para a vila. Mestre Portela descuidou se e o drama foi inevitável. No dia 29 de Junho inaugurou-se a igreja nova⁶, mesmo ali na testa da escola e houve festa rija, bandas em despique e foguetório de deslumbrar meus olhos virgens dos grandes espectáculos do mundo. Nunca S. Pedro, patrono da terra nativa, gozara homenagem tão rica, sugestiva e esplendorosa.

No dia 30, à hora da saída, o professor entregou-me o requerimento, para que eu o colocasse na caixa do correio⁷ que ficava próxima da minha casa. Mal me vi, porém, em liberdade, outra preocupação me dominou. Os pinheirais e os vinhedos que emolduravam a escola estavam todos traspassados pelas hastes brancas do fogo-de-artifício que fora queimado na véspera. Não sei ainda hoje porquê, mas eu e todo o rapazio da aldeia tínhamos em grande valor essas canas esguias que, depois de terem conduzido a sua ígnea carga, se dirigiam a fumegar para terra, completamente inúteis. Já na última noite, eu teria ido rasgar o fato por silvedos e tojais se não fora o olhar severo que minha mãe, gozando a festa, me lançara.

Agora, sim, podia desferrar-me! Não era a miséria dos foguetes de nove bombas que os progressistas queimavam quando venciam as eleições. Tinham sido foguetes de lágrimas e outros deslumbramentos – hastes enormes e canudos envoltos em fio negro, maiores do que as armadilhas enterradas nos labirintos das toupeiras.

Salta aqui, trepa ali, uma hora depois eu tinha uma braçada de canas – uma braçada de felicidade. Mas ia pagá-la muito caro. Triunfante, dirigi-me para o correio. O estafeta já tinha passado. O requerimento já não podia ir nesse dia. Pressentindo a catástrofe, chorei a tarde inteira. Chorei à noite. Chorei na manhã seguinte. A vaga esperança com que eu, por vezes, me confortava, não se cumpriu. Não houve tolerância: os senhores da vila, implacáveis, comunicaram, dias depois, que, tendo chegado tarde o requerimento, o meu exame e o do filho do professor só se efectuariam no ano seguinte. Desgosto para minha mãe, desgosto para o mestre, grande desgosto para mim.

Semanas depois, um acontecimento imprevisto alvoroçava todos os meus conterrâneos. Um homem que vivia em Lisboa e que era natural da freguesia, enforcara-se numa ramada.

³ Ferreira de Castro faz a primeira comunhão no domingo, de 08/06/1909.

⁴ “Festa escolar no velho teatro de Oliveira de Azeméis”, domingo, 01/05/1910.

⁵ A vila referida no texto é Oliveira de Azeméis, hoje cidade.

⁶ Actual igreja matriz, localizada em Santo António, inaugurada na terça-feira, 29/06/1909. Até esta data o templo superior de Ossela era a “igreja velha”.

⁷ A caixa do correio ficava a cerca de 50 metros da sua residência e no exterior da mais importante casa comercial de Ossela, propriedade do senhorio dos pais de Ferreira de Castro, Manuel José Barbosa, que faleceu em 1923.

Os pais, numa questão de partilhas, tinham-no prejudicado em benefício dum irmão dele. Desesperado, metera-se no comboio, em Lisboa, e, uma noite, um carro transportara-o da vila até o campo que dera origem ao desgosto. Ali, ele depusera as suas malas novas e armara na vinha o laço fatídico.

De manhã, lá o encontraram suspenso, roxo, congestionado, tornando maldita a acção dos pais, a terra que devia ser sua e que fora dada ao irmão. Pela tarde passou o «carro da justiça», ido da vila. Dentro, sentavam-se uns senhores muito solenes, respeitáveis e bem vestidos. Sem que o cocheiro visse, encabritei-me atrás, junto das molas, e fui ver como aquilo era. O suicida estava estendido no chão, os olhos abertos, a boca arrepanhada.

Em redor, os curiosos, que logo abriram caminho aos homens de justiça. Assisti a quase toda a autopsia. À abertura da garganta, carne arroxeadada, que não esquecerei jamais, e à exploração nos órgãos.

Depois, durante muitas noites, eu via o morto no escuro e, cheio de pavor, gritava para o quarto materno:

– Mãe! Mãe!

– An? O que é?

– Nada. Era só para saber se estava acordada...

Por fim, não podendo mais, passei a dormir, durante algumas semanas, no quarto de minha mãe.

Esgotaram-se meses. Uma tarde, por sofrimento de que não me recordo nitidamente, quis imitar o suicida. Numa ramada nossa, junto a um combro, de onde eu devia arrojá-me no espaço, armei um laço. Tudo pronto, fui sentar-me na escada que dava acesso ao primeiro andar da nossa casa. Essa escada era, então, de madeira e, com um prego, pus-me a escrever num dos degraus:

VOU MATAR-ME

VOU MATAR-ME

VOU MATAR-ME

O que aconteceu? Não vejo bem o fim. Mas creio que minha mãe descobriu tudo e teve um grande desgosto.

No ano seguinte, realizei, finalmente, o segundo exame⁸. O professor, desejando comemorar o facto, tinha encomendado, na vila, um jantar, para o qual se matara de propósito um coelho. Mas tudo acabou dramaticamente. O filho do mestre ficara reprovado. Comemos o coelho entre as lágrimas do Luís e silêncios, penosos como se estivéssemos numa ante-câmara fúnebre.

O bom Portela, bondoso mas profundamente dolorido, exclamava de quando em quando:

– Anda! Depois desta vergonha... Anda! Come! Parece inacreditável!

Eu lamentava tudo aquilo por não poder mostrar a minha satisfação de examinando vencedor. Pela noite, metemo-nos a caminho. À mata do Covo e, depois, não me recordo onde, eles, pai e filho, para Santo António e eu, sozinho, para os Salgueiros. Minha mãe esperava-me na estrada. Ao vê-la, levei o lenço ao rosto e fingi chorar.

– Não faz mal, meu filho; fica para o ano.

Estávamos em semi-escuridão: à direita, o viaduto, esbarrondado; à esquerda, o vulto fantasmal de velhas carvalheiras.

Soltei uma gargalhada.

– Não, não; fiquei aprovado! O Luís é que ficou mal.

Mas, no íntimo, eu estava triste por não poder queimar, como era costume, meia dúzia de foguetes, sem ofender o sr. professor. E mais triste ainda porque esses foguetes deviam ser lançados por mim próprio, o que significava da parte materna o primeiro acto de confiança no meu «juízo», na minha condição de homem.

«A história do João Soldado» e outros folhetos onde se narravam, em verso, dramas absurdos, folhetos que se vendiam nas feiras, passaram a ser para mim tão fascinadores como os doces, os camarões e os fogos de S. João, que ali se queimavam no Carnaval.

Que pena não ter dinheiro para comprar todos esses livrecos que se vendiam juntamente com o «Borda de Água» e medalhas bentas!

⁸ Faz o segundo exame na segunda-feira, 22/08/1910.

A vida familiar asfixiava-me. Minha irmã, a quem eu ensinava o aprendido, era mui nervosa: zangávamo-nos, discutíamos; ela arranhava-me e, quando eu ia para me vingar, desmaiava. Isso dava-lhe o papel simpático de vítima e valia-me, invariavelmente, ser castigado por minha mãe.

Cada vez eu me sentia mais só e sofria mais por não ser igual aos outros.

Todos sonhavam com o ouro do Brasil, que constituía ali a suprema fascinação. Eu era ainda mui pequeno e já minha avó me dizia:

– Tu hás-de ir ao Brasil e trazer de lá um grande saco com libras. Não é verdade?

– Sim, avozinha; eu hei-de trazer um grande saco com libras.

O Brasil era a liberdade, a fuga à tutela familiar – e o mistério... Mas era, sobretudo, o gesto másculo, o gesto do homem que eu queria ser aos olhos de Margarida.

Não podia, porém, ir sozinho. Tornava-se necessária uma protecção. E passou-se um novo ano, mais, talvez. Um dia, chegou notícia da estadia, na vila, dum amigo de minha família. Era comerciante no Pará. Fizeram-se pedidos para ele me levar. Minha mãe não queria – «És muito criança; estás ainda muito verde» – mas eu insisti. Cheguei mesmo a violentar a minha timidez e a dizer, uma tarde, numa loja da vila, ao meu futuro protector, que sim, que o meu maior desejo era ir com ele. Respondeu-me que não me podia levar e explicou-me os motivos, que não recordo. Mas eu iria em Janeiro com o seu sócio, que viria, por esse tempo, à Europa.

Começaram os preparativos. Minha mãe hesitava em deixar-me partir, mas a minha resolução era firme.

Toda a gente se admirava do meu arrojo: – «Tão novinho e já querer ir para o Brasil! A senhora Mariquinhas vai ver que ainda vem a ser rica por via dele. Vai ver! Vai ver! Ele é muito inteligente... Tomara eu que o meu quisesse ir!»

Minha mãe suspirava fundo, soltava alguns ais e eu ficava muito lisonjeado. Com o meu gesto, antecipava a idade e começava a viver o homem que eu desejava ser. Só um homem iria para tão longe e Margarida, decerto, atentaria nisso. Ah, sem ela eu não teria partido! Não teria tido coragem. Morreu sem o saber, talvez, mas foi ela, foi o desejo de que não me julgasse criança, foi esse meu primeiro amor, pulcro e ingénuo, que me deram forças para afrontar o monstro fabuloso que me parecia, então, o Brasil. Nunca nos falávamos. Eu buscava os caminhos por ela trilhados, mas, ao vê-la, faltava-me a voz, derrotado pela emoção e pela timidez.

Comecei a acordar muito cedo. O sofrimento que me dava a perspectiva de partir não me permitia dormir de manhã. E, então, eu entretinha-me a imaginar o que Margarida pensaria de mim, o que ficaria pensando quando eu partisse. Quando eu partisse!

Tenho hoje a convicção moral de que ela não pensava nada, de que não se preocupava sequer com isso. Ah, mas que pueril beleza, que nobres sentimentos a minha candidez infantil emprestava ao seu espírito! A Rosinda fora a revelação sexual e eu já pensava nela, por curiosidade que não por imposição nervosa, quando ela, mulher plena, caiu, uma manhã, nos meus braços. À Mariana desejei-a e, uma noite, tal novela teci, que ela veio dormir a nossa casa. Logo que supus que minha mãe estava adormecida, levantei-me e rastejei, no escuro, até o colchão que se estendera na sala. A Mariana, quando eu lhe afaguei os pés, balbuciando o meu desejo, apesar de eu a ter prevenido daquela visita, gritou no silêncio da casa:

– Senhora Mariquinhas! Senhora Mariquinhas! O Zeca anda aqui!

Fui mais uma vez humilhado com o castigo que minha mãe me deu. Todas elas já morreram. São já fantasmas dum passado que só vive em mim. Margarida morreu também. Mas à Margarida eu amava-a, não a desejava. Amor platónico, puríssimo, desabrochar dum coração que a dor havia de torturar, depois, toda a vida...

Fui a Aveiro, com um nosso amigo da vila, tirar o passaporte⁹. Muitas horas numa carripana. Estrada desconhecida, terra estranha, a cidade, com seu quartel, tão temido pelos conterrâneos, com o seu mercado e sua ria era pasmo e deslumbramento para os meus olhos meninos. Mas recordo-me de tudo, nitidamente. As divisórias do Governo Civil, o sr. Esteves que me acompanhava, o funcionário que me pediu a certidão de idade. Depois, à noite, de novo a carripana, roda, roda pela estrada que parecia não ter fim.

Nesses dias, a inata morbidez do meu espírito, que me deu uma infância tristíssima, levou-me a agir romanticamente. Retirei dum velho muro uma pedra e, na concavidade assim obtida, depus uma

⁹ Tira o passaporte na sexta-feira, 02/12/1910.

caixita de folha com algumas palavras que tracei num papel e que eu devia ler quando voltasse do Brasil. Com um ferro abri um X na pedra, para que eu a distinguísse anos depois, e pu-la de novo no seu lugar, enchendo de terra os interstícios. Mas não fiquei por aqui. No caminho da escola, enterrei, atrás dum velho barracão, uma outra caixa, também com um papel escrito. Uma pedrita branca, encastrada na terra, devia indicar-me o esconderijo quando eu voltasse – se voltasse!

Tivemos, nesses dias, notícias do sr. Samuel, que me levaria em Janeiro. Veio o Natal, as primeiras lágrimas e as sufocações. Minha mãe chorava pelos cantos e eu chorava também, ocultamente. A nossa casa parecia estar de luto pela morte recente de alguém. Eu já deixara de espalhar, no quintal, armadilhas para os pássaros e tinha para os meus coelhos e para as minhas pombas longos olhares de ternura. Sobretudo, extasiava-me ante a gaiola do melro, que aprendera um assobio absurdo, que eu soltava quando vinha da escola.

– É a última consoada que passamos juntos, meu filho; não torno a ver-te! – disse-me minha mãe naquela noite de Natal.

Tinha-se já marcado o dia da partida. Seria a 6 de Janeiro. Eu agora gostava muito de minha mãe. Toda a aldeia me parecia mais linda e à minha tristeza consorciava-se a vaidade da minha coragem.

No dia 6 levantei-me cedo. Levantamo-nos todos muito cedo. Meu tio Serafim¹⁰, que devia acompanhar-me à vila, chegou pouco depois. Até ele, nesse momento, me pareceu simpático. Cheguei a perdoar-lhe os conselhos que dera a minha mãe, para que ela se casasse de novo, meses depois de enviuar. Perdoei-lhe isso que, dois anos antes, me parecera imperdoável. Como eu detestava toda essa família que só via o lado prático da vida e que, contando com uma ingenuidade que eu já não tinha, ofendiam os meus sentimentos, falando na minha frente de conveniências que me eram odiosas!

Para a minha despedida preparara-se um almoço excepcional e minha mãe cirandava na cozinha, dando ais e soluçando.

Era dia de Reis e em Santo António leiloavam-se as prendas oferecidas ao menino Jesus. Depois do almoço, de que só o meu tio, mais forte de ânimo, aproveitou, fui até lá. Queria despedir-me da escola, da igreja e queria ver a Margarida.

No adro, junto a uma longa mesa, o sacristão erguia açafates de frutas, de doces e vários objectos, sobre os quais incidiam as ofertas dos camponeses aglomerados em derredor. Atrás, o leiloeiro, gritando tostões. Recordo-me, admiravelmente da luz desse dia. Se eu pudesse graduar o sol, obtê-la-ia ainda hoje precisamente igual, com a mesma densidade, a mesma cor, a mesma diafaneidade.

Demorei-me pouco. Margarida não estava lá. O que eu daria para a ver nesse momento!

Com o fatito novo, chapéu novo, botas novas, regresssei a casa. Minha mãe chorava cada vez mais. Já estavam ali os vizinhos. A tarde caía.

Não me recordo como foram transportados para a vila o meu grande baú forrado de coiro e o meu pequeno baú de folha. Creio que foram à frente, à cabeça duma mulher. Não sei.

A despedida é que eu nunca mais esqueci. Foi em cima, no primeiro andar, na cozinha. Minha mãe agarrou-se a mim, em altos gritos. Eu chorava também. Em volta, várias bocas pronunciavam o meu nome, carinhosamente: «O Zequinha... O Zequinha... O Zequinha...»

Desprendemo-nos. Limpei as lágrimas e descii. Minha mãe veio para a janela. Também lá estavam as cabeças pequenitas dos meus irmãos¹¹. Cena mais patética só a sofri vinte anos depois, ao ver, da janela do meu ninho desfeito, levarem para a sepultura o cadáver da mulher que consubstanciou para a eternidade toda a minha vida espiritual¹².

Comecei a andar, lentamente, ao lado de meu tio. Os gritos de minha mãe faziam-me voltar a cabeça, de momento a momento. Alcançámos, assim, a curva da estrada. Lá, não pude resistir mais e as lágrimas vieram de novo, ardentes, inesgotáveis. Minha mãe, braços longos, desesperados, acenava--me. Eu agitei, então, um lenço branco. Uma, duas, muitas vezes. Agitei-o até desaparecer na curva do caminho. Minha mãe lá ficou, mas eu acabava de revelar para sempre a fotografia daquela cena na câmara-escura da minha dor.

¹⁰ Tio Serafim, irmão de sua mãe; residente em Vale de Cambra.

¹¹ Irmãos de Ferreira de Castro: Rita Cássia Ferreira de Castro (06/10/1899-08/02/1931); Ludovina da Conceição Ferreira de Castro (08/04/1901-?); Matilde de Soledade Ferreira de Castro (01/01/1903-?); Mário Augusto Ferreira de Castro (23/03/1905-?/1989); Almerindo Ferreira de Castro (30/03/1908-13/09/1942); quase dois meses depois nasce Artur Ferreira de Castro, conhecido por Antero (05/03/1911-18/08/1933).

¹² Diana de Lis (Évora, 29/03/1892 – Lisboa, 30/05/1930)

E lá segui, estrada abaixo. Meu tio, agora e logo, procurava distrair--me, conversando. Mas, em seguida, calava-se. Ia também comovido. Metemos, depois, à mata, para encurtar a distância. Já as sombras se instalavam entre os pinheirais. Era noite quando chegamos à vila e meu tio me entregou ao sr. Esteves, que, no dia seguinte, devia conduzir-me a Leixões.

A casa alheia e o respeito pela família da vila que me albergava, não me deixavam ser, totalmente, eu – e anestesiavam um pouco a saudade e o temor de me sentir arrojado ao desconhecido, tão prematuramente.

Madrugada ainda escura, tomámos, eu e o sr. Esteves, o comboio do Vale do Vouga. Era a primeira vez que eu me servia de tal meio de transporte e tudo aquilo me causava admiração e orgulho de mim próprio. No Porto, estacionámos quase todo o dia numa camisaria da Praça da Liberdade. Nunca mais esquecerei a impressão que me causou nessas horas a estátua equestre ali existente. Às quatro da tarde tomávamos o «eléctrico» e creio, que, depois, um comboio, para Leixões. Ia comigo um novo personagem, um rapaz mais velho do que eu. Seguia também sob a protecção do sr. Samuel e disse-nos que iria em primeira classe. Mas era escusado dizê-lo. Compreendi logo que a vida para ele seria muito mais doce do que para mim. Compreendi, também, que o sr. Samuel, a quem eu não conhecia ainda, dar-lhe-ia atenções que, para mim, não teria. A certa altura, numa paragem do «eléctrico», vi-o comprar um exemplar da «Ilustração Portuguesa». A indiferença com que ele tirou um níquel do bolso e o entregou ao vendedor, deu-lhe logo, aos meus olhos, uma grande importância, pois eu nunca pudera ter gesto igual ao desejar comprar os pobres e ingénuos folhetos que se vendiam nas feiras. Mas era gentil o meu companheiro. Gentil e muito mais civilizado do que eu. Emprestou-me, pouco depois, a «Ilustração Portuguesa», que eu folheei sofregamente e cujos bonecos também nunca mais esqueci. Ao chegarmos a Leixões, ele encontrou pessoas amigas e embarcou na lancha destinada aos passageiros de primeira classe. Eu fiquei a sós com o sr. Esteves sobre o longo molhe. Vejo ainda nitidamente a luz dessa tarde, vestindo de amarelo-suave os enormes paredões e recortando, lá ao fundo, o velho «Jerome», que devia levar-me. Em todas as circunstâncias da vida, mais do que o relevo das cenas, fica na minha memória visual a luz que as ilumina.

O sr. Esteves fez sinal a um escaler, ajustou o preço por que ele me conduziria ao «Jerome» e, depois, recomendou-me, mais uma vez:

- Quando o navio estiver para sair, pergunta lá a bordo quem é o sr. Samuel e diz-lhe quem tu és.
- Sim, senhor.

O sr. Esteves revelou, enfim, a sua comoção. Vi que fazia esforços para não chorar. Compreendi o motivo: eu era tão pequeno ainda! Despedimo-nos. Ao acenar-lhe lá de baixo, do fundo da escada, surpreendi-lhe as primeiras lágrimas. Também eu chorava em silêncio. Embarquei para o escaler, que começou a afastar-se lentamente. O sr. Esteves ia perdendo em volume, diminuindo de estatura, lá em cima, na ponta do molhe, já longe. Acenei-lhe ainda. Depois, o bote atracou ao costado do «Jerome» e eu subi a escada do navio.

Tinha eu, então, 12 anos, 7 meses e 14 dias...»

In, Jaime Brasil, Ferreira de Castro e a Sua Obra, Livraria Civilização, Porto, 1931, pp. 8-23.

PROPOSTAS DE EXPLORAÇÃO

- Partes principais – episódios autobiográficos
- Personagens que povoam a infância do autor
- Felicidade vs. humilhação
- O sonho do Brasil – imaginário e motivações
- Características linguísticas do tom autobiográfico
- ...